

O biológico em Freud: "corpo estranho" ou heresia?

Daniel Delouya

O biólogo ocupa, na obra freudiana,
um lugar difícil de determinar, mas certamente mais importante
do que pretendem certas leituras atuais.

"Talvez a biologia seja mais poética do que parece e a poesia
mais ligada à 'natureza' do homem do que se pense."
André Green (1982)

O biológico é uma dessas componentes/vertentes na obra de Freud que nos deixa surpresos e gera nos leitores muitas inquietações e perplexidades, a ponto de tornar Freud, a cada leitura, "irreconhecível". Ele perpassa a obra toda, e poucos são os textos em que Freud não o leva em conta em suas considerações clínicas e metapsicológicas. Ainda que seja um fato curioso, não nos sentimos confortáveis ao abordar esta questão em Freud; é preciso conviver com certa antipatia, desprezo e hostilidade.

Freqüentemente, presencia-se (experiência própria em grupos de estudo) a passagem silenciosa sobre estes trechos, acompanhada de feições que expressam uma mistura de pena, decepção e complacência para com Freud. Superada esta fase inicial, ouviremos de alguns: "como todo gênio, devaneios, tinha de sobra, perdemos!". Outros nos lembram que Freud era um médico que vivia no meio científico vienense do fim do século

passado e que, apesar da sua estatura, não podia desligar-se de um certo modismo evolutivo-darwinista, além de não poder "pensar-falar" sem fazer uso de conceitos biológicos como ferramentas metafóricas. Freud também carrega a pecha de ser um político hábil, e portanto a "linguagem biológica era o único meio para facilitar o acolhimento da nova ciência".

Quero chamar a atenção aqui não para o conteúdo dos argumentos, com os quais concordaria em alguns aspectos, mas sobre a atitude-justificativa para com o biológico (este "estranho"), no sentido reativo. Esta atitude nos dispensa de refletir, de pensar e trabalhar algo que permeia a obra toda de Freud.

Qual é o lugar da biologia na teoria psicanalítica?

Daniel Delouya: Psicanalista, membro do
Departamento de Psicanálise do Sedes Sapientiae.

Há algo de biológico no terreno psicanalítico? Concordamos que nada há de biológico na psicanálise. No entanto o biológico serve a Freud para demarcar e circunscrever o campo por ele constituído, fazendo surgir a especificidade e a singularidade do psiquismo que lhe interessa. Estas fronteiras têm uma natureza próxima da de uma membrana, que mantém um contato-trânsito seletivo e constante entre o “dentro” e o “fora” e não possui, como querem alguns, uma natureza cuticular. A cada passo tomado por Freud, notamos sua preocupação e sensibilidade em abordar os registros correspondentes situados “no outro lado” do biológico. Ouçamos Freud: “Embora a maioria dos humanos passe pelo Complexo de Édipo como uma experiência individual, ele constitui um fenômeno que é determinado e estabelecido pela hereditariedade, e que está fadado a findar de acordo com o programa, ao instalar-se a fase seguinte preordenada de desenvolvimento.” (1924)⁽¹⁾. Reparemos aqui que Freud, e isto marca quase todo “seu” biológico, não empresta, salvo uma ou outra vez, um corpo de saber concreto à biologia, mas busca em seus paradigmas pressupostos para constituir o fundamento, as bordas e as fronteiras que circunscrevem seu campo. Seria mais adequado dizer que Freud pisa no campo da teoria da biologia ou das suas premissas filosóficas, particularmente no problema psicofísico. Se houve, de fato, em consequência do esforço demarcativo de Freud, um aprofundamento na definição e remanejamento do campo psicanalítico, os registros biológicos foram negados, sofreram tentativas de afastamento, ressurgindo uma tendência de blindar o psiquismo, fechá-lo hermeticamente, fundá-lo sobre si mesmo.

Para sustentar a hipótese acima e, conseqüentemente, socorrer o biológico em Freud de uma completa forclusão, supressão e talvez extinção, escolhi não me dirigir diretamente aos textos de Freud, mas discutir o problema comentando e colocando contrapontos aos textos de Laplanche e de Birman. O pensamento dos dois deriva suas forças desta tensão entre o biológico e o discurso analítico. Desde seu trabalho clássico junto com Pontalis

(1964) **Fantasia originária, fantasia das origens, origens da fantasia**, até o mais recente (1986) **Teoria da sedução generalizada**, Laplanche se debate com todas as forças com e contra o biológico de Freud, principalmente com o postulado da herança filogenética.

O biológico entre “um simples modo de dizer” (Laplanche) e ...“tenho também meus antecedentes” (Freud)

Os conceitos biológicos que encontramos na obra de Freud abrangem várias áreas da biologia e foram empregados de modos diferentes.

Freud busca nos paradigmas da biologia pressupostos para constituir o fundamento, as bordas e as fronteiras que circunscrevem seu campo.

Alguns termos diagnóstico-clínicos foram emprestados da psiquiatria, como por exemplo “constituição” e “disposição”. O primeiro designa uma determinação genética (estreita) e conseqüentemente cerebral (fisiológica ou orgânica) para a enfermidade mental, seja neurótica ou psicótica. O segundo, superposto ao primeiro, tem seu uso reservado a uma propensão, que se materializa em enfermidade quando as funções mentais diferenciadas do adulto têm que ser testadas na realidade. Freud utiliza esses termos, mas restringe o lugar deles na etiologia das doenças nervosas e dos fenômenos psíquicos, efetuando uma modificação radical própria e coerente com seu

campo. Enquanto a psiquiatria supunha uma causa genética, estritamente determinada, Freud lê perante os médicos em abril de 1896: “... abre-se a perspectiva de que aquilo que tenha sido até então deixado por conta de uma ininteligível predisposição hereditária possa ser adquirido em tenra idade” (**Etiologia da Histeria**, 1896)⁽²⁾. O que era atribuído até então a uma predisposição cede lugar a uma etiologia de “lembranças”, de uma “cena... evento” de “... traumas sexuais”, que é qualificada como tal, por meio de um “intercurso sexual” mediado por “reminiscências... operando inconscientemente” [1896. Estamos, já aqui, no âmago da teoria psicanalítica (infância, sexualidade e inconsciente)]. Os componentes hereditários têm aqui, e isto até o fim da obra, apenas um papel parcial na resistência frente ao efeito traumático, na forma, na localização e no colorido dos sintomas histéricos. O biológico, neste caso, é apreendido como suporte e limite para um outro universo. Uma figuração feliz de Freud abarca o essencial de sua divergência com a psiquiatria no que concerne aos termos disposição e constituição: numa passagem típica da **“Psicopatologia da vida cotidiana”**, ao responder às críticas que os lapsos e atos falhos ocorrem em estados de fadiga, cansaço, envelhecimento, etc., decorrentes de rebaixamento das atividades fisiológicas, Freud diz que seus críticos têm razão em parte, porque o assaltante se aproveita do anoitecer para atacar suas vítimas...

Se prosseguimos na sondagem dos termos propriamente biológicos na obra de Freud, encontramos uma dificuldade: apenas os termos que mencionamos e outros derivados da teoria da evolução (de Darwin intrincada com Lamarck) como “herança filogenética” e “traços adquiridos” são propriamente biológicos. Já outros termos, como sexualidade, libido, pulsão, instinto, zonas e fases pré-genitais e genitais, situam-se, enigmáticamente, não só do lado biológico, mas também do psíquico. A terceira classe, que tem ligação direta com a última que acabamos de mencionar, inclui os componentes quantitativo-econômicos e os princípios organizadores da vida psíquica. Nela podemos incluir os investimentos libidinais, a força ou a intensidade das pulsões e os princípios que

organizam o aparelho psíquico, como a redução ao mínimo das excitações, os princípios de constância, de inércia, nirvana, etc.

Se o leitor nos objetar por incluirmos esta classe na família dos conceitos biológicos ou psicofísicos, não seria difícil demonstrar que eles se inspiram em modelos fisiológicos e têm o estatuto de verdadeiras metáforas biológicas. Com menos frequência e consenso, encontramos a objeção que mesmo a segunda classe, que caracterizei como psicobiológica, inclui apenas metáforas. Aqui valeria, a meu ver, colocar uma defesa e duas perguntas de maior importância: se voltarmos às definições precisas e claras destes termos (da segunda classe) dadas pelo **Vocabulário ...** de Laplanche & Pontalis, o componente biológico jamais é perdido de vista. A primeira pergunta que devemos colocar diz respeito ao **estatuto da metáfora numa conceitualização**: a relação entre a metáfora e aquilo que ela conota seria meramente arbitrária? Seria Freud como alguém que ainda usa, sem opção, sua língua materna no estrangeiro? Ou talvez o uso da biologia deveria ser atribuído ao estado incipiente da emergência da nova "ciência"? Estou enfatizando este ponto por duas razões. Em primeiro lugar, a visão (pouco questionada) que acabei de colocar reflete um consenso e permeia os escritos dos comentaristas mais talentosos de Freud. Em segundo lugar, vemos aqui algo das fontes, das origens da psicanálise, da dívida de Freud para com aqueles que o antecederam e que ele raramente deixou de escutar, ouvir e mencionar.

Para o primeiro ponto, quero citar uma passagem de um artigo recente de Birman, que dedica três páginas às metáforas biológicas: "... para acompanhar Tausk na lógica de sua argumentação é necessário superar alguns obstáculos conceituais... onde se destaca o uso farto de **imagens biológicas** que precisam ser devidamente interpretadas para que possam ser deslocadas de qualquer referência ao substancialismo biológico. Isso se deve... ao uso... de categorias então recentes no discurso psicanalítico, cuja novidade teórica obscurece o registro conceitual onde operam estas categorias ⁽³⁾". Mais adiante "... neste contexto histórico... o seu apelo biológico se co-

locou na representação teórica como a solução mais fácil (...) Essas imagens biológicas devem ser consideradas como **metáforas e representações** do corpo sexual ... não podendo pois ser substanciadas no registro do realismo biológico" (Birman 1990)⁽⁴⁾. Devemos acatar as recomendações de Birman, se quisermos aterrissar no terreno psicanalítico. No entanto, contesto este desligamento (pouco analítico) entre "o modo de dizer" e o dito. A atenção a estas metáforas e modelos biológicos permitiria o acesso ao papel que desempenharam na constituição do pensamento de Freud, sendo conse-



A relação entre
a metáfora e aquilo
que ela conota
não é meramente
arbitrária.

qüentemente uma das fontes de psicanálise. A tarefa de esclarecer o papel da metáfora é muito atual nesses dias, quando assistimos a um grande interesse na escrita e no estilo de Freud. Por intermédio destes trabalhos (Mahony, 1989, e Mezan, 1989), aprendemos que o "uso da figuração em Freud... é um verdadeiro traço de estilo, não apenas no sentido literário, mas também no estilo de pensamento..." e, mais, a figuração participa "na elaboração teórica..." e "...na própria construção de conceitos", ela faz parte da "própria constituição" do pensamento de Freud (Mezan, 1989)⁽⁵⁾. Se a "ressonância das metáforas" é uma mola no "movimento exploratório" ⁽⁶⁾ da escrita

de Freud (Mahony, 1989), convém examinar mais de perto esse grupo abundante das metáforas biológicas.

O **Projeto...** que cada vez mais atrai a atenção dos estudiosos é costumeiramente processado de forma a abstrair seu "substancialismo", sua "linguagem biológica", para descobrir e remeter a ele as sementes, as feições e os traços daquela sedutora feiticeira com quem Freud não parou de dialogar nos seus últimos 45 anos de vida. Neste caminho traçado da "neurologia à psicanálise", é necessário reconstruir e traduzir para a psicanálise, como nos alerta Birman, mas é preciso reconhecer que ficou negada a fertilização ("ressonância entre metáforas"), a animação do pensamento pelos modelos da biologia e a filiação e engendramento, entre as mitologias e suas feiticeiras.

Ilustremos isto com alguns exemplos: 1) O modelo incorporado da neurologia do século XIX à psicologia por H. Jackson: A partir de um reservatório amórfico, passando por uma fase polimórfica com a indução e estimulação externa, dá-se lugar a um desenvolvimento de estruturas sucessivas, cada vez mais integradas e diferenciadas, porém com sustentação energética diluída. Portanto, uma integração precária numa estrutura superior, devido a uma fixação de um dos componentes a organizações anteriores ou primárias, comprometeria a função superior ou diferenciada quando esta vem a expressar-se. Haveria regressão e liberação das organizações precedentes. Encontramos este modelo embrionado na tópica freudiana, com seus aspectos dinâmicos e econômicos; também está presente no processo analítico, nos processos primários/secundários e evidentemente na concepção da organização das fases psicosssexuais, pulsões parciais/genitais, etc. E isto não só em 1891 (**Sobre afasia**), mas até muito tarde, por exemplo no papel dado à desintegração da pulsão sádico-anal nos fenômenos descritos em **Bate-se numa criança** (1919). 2) O sintoma como uma formação de compromisso entre forças opostas está sendo incorporado à medicina de então pelos dados fornecidos pela nova ciência da imunologia. 3) Como último exemplo, quero trazer a pulsão de morte, cujas marcas e conseqüências se encontram na últi-

ma parte da obra de Freud. Como não levar em conta a segunda lei da termodinâmica, com seu conceito de entropia, cuja formulação por Boltzman e outros repercutiu imediatamente na compreensão dos fenômenos da vida biológica? Esta é uma irrupção no natural (ou interrupção dele), e a chance da vida biológica emergir é “virtualmente zero” (Monod). A entropia prevê dissociação, desintegração, desorganização, repetição: portanto, a tendência predominante que subjaz a todos os processos moleculares, celulares e do organismo como um todo é a morte. Deixo ao leitor a comparação.

Resumindo, há uma dívida do pensamento de Freud para com a biologia, uma fecundação deste pensamento por modelos tirados da biologia. Laplanche teve a acuidade de perceber todas as facetas da biologia na obra de Freud, o que o estimulou a aprofundar a teoria psicanalítica para descobrir novos fundamentos. O que nenhum dos leitores de Freud ignora é a exigência persistente deste último de assentar as estruturas universais dos complexos psíquicos sobre um acervo filogenético. Mas, antes desta discussão, vamos esboçar (através de Birman) a caracterização e a emergência do psiquismo em Freud.

Genealogia do sujeito

Do soma até o sujeito — é o que Birman tenta delinear, desta vez, a partir de um ensaio de Freud “Visão de conjunto das neuroses de transferência” (1915) recentemente (1985) descoberto entre os papéis remetidos por Ferenczi a Bálint. Que a realidade psíquica, o humano, emergiu de um fundo biológico e ao mesmo tempo está ancorado nele é um pressuposto fundamental na metapsicologia freudiana. Examinaremos esta hipótese à luz deste ensaio: por onde, no biológico emerge/iu o psiquismo? e como este novo, o humano, a realidade psíquica, se diferencia, se circunscreve e autonomiza ao mesmo tempo que denuncia sua origem? Que relação ainda mantém com ela? Partindo da clínica, Freud aponta as psicose como disfunções no registro psíquico, enquanto as neuroses atuais são distúrbios aprisionados no registro biológico. Freud percebeu há

tempos (1895) uma correspondência ou paralelo entre cada uma das neuroses de transferência e uma das neuroses atuais; mas enquanto as primeiras são circunscritas no espaço psicanalítico, as últimas ficam fora dele. Isto porque as primeiras preenchem o critério de analisabilidade, sendo a transferência o eixo fundamental que estrutura este espaço. Articula-se então o conceito de transferência com as noções de perda e angústia, que fundam o registro psíquico como simbólico: “a permanência no registro psíquico do objeto do investimento pulsional, apesar da sua **perda** no registro da

A realidade psíquica se diferencia, se circunscreve; autonomiza e ao mesmo tempo denuncia sua origem biológica.

plenitude da satisfação pulsional, é aquilo que permite a constituição do campo da transferência (...) Esta é a condição de possibilidade para que se instaure um processo de substituição de figuras, imagens e objetos no aparelho psíquico” (Birman, 1988)⁷.

Cria-se uma ferida nesta totalização da satisfação pulsional (biológica) e esta ruptura possibilita o espaço no qual circula o desejo. Assim se constitui um campo onde falta-privação-angústia-objeto-desejo-sujeito-representação-simbolização se constituem conjuntamente. Torna-se clara a coerência na constituição do terreno da psicanálise, em torno do campo do desejo: este é metoními-

co, pois o sujeito procura interminavelmente a plenitude perdida. É esta inscrição de um objeto (ausente) que permite a classificação entre neuroses de transferência e neuroses narcísicas. Como fratura na harmonia, há ruptura homem-natureza. Diante desta fenda, o sujeito se angustia frente ao perigo e se protege no plano do ego, sendo levado a investimentos seguros nos objetos da representação que se substituem rumo ao paraíso perdido. “A angústia do real”, resultado da privação, se transforma então numa “angústia do desejo”, colocando o sujeito em movimento conflitivo e impelindo-o a preencher a falta mediante o trabalho de simbolização.

Precisava Freud assumir uma perda primordial, origem de um mundo humano a partir de uma experiência de privação, que ocorreu com a “irrupção da era glacial”? Freud é levado a uma mitologia da origem, cuja fraqueza é facilmente notada: perda, privação só são possíveis no campo de desejo já constituído. Freud não se satisfaz em caracterizar o campo do desejo, onde falta-privação-desejo-sujeito-objeto-representação-simbolização enredam-se numa matriz que funciona como andaime da realidade psíquica, possibilitando a encenação do complexo de Édipo, etc. Ele insiste em apreendê-las num contexto de origem e oscila portanto entre uma mitologia, metáfora do arcaico, e um evento histórico primordial, a partir do qual teria havido uma passagem necessária do natural à privação, constituindo o humano. Se criticamos Freud por tentar fundar estruturas sobre eventos históricos, não é por desprezo pela mitologia; ao contrário, não resistimos à fascinação por estas narrativas geniais. O que é questionável é seu pressuposto lamarckiano, segundo o qual eventos exteriores são diretamente adquiridos, passando a constituir o homem. Perguntamos, também, se o recurso à origem é necessário. Por que não aceitar, inicialmente apenas, a matriz do campo do desejo como o constitutivo, “categorias” que possibilitam, formam e constituem a experiência humana? Freud aqui é um Kant que não consegue ou, talvez, não pode desligar-se de seu Hume.

O comprometimento de Freud em apoiar-se no originário liga-se a

uma série de questões que concernem à possibilidade da inscrição psíquica de uma privação, da passagem do natural ao humano ou da plenitude da satisfação pulsional ao campo de desejo, do biológico à realidade psíquica. A solução de Freud, lamarckista-positivista, esquivava-se em parte destas dificuldades, mas expõe ao mesmo tempo a fraqueza de seus argumentos nas suas narrativas míticas.

Deixaremos aqui a questão da origem. Vimos por onde, no biológico, emerge o psiquismo, e como este último “se orienta na sua origem”. Caminhamos com Birman para extrair outras relações e questões a respeito dos dois universos: as neuroses atuais se ancoram no somático, sendo seus sintomas a expressão das disfunções da economia biológica do sexo, enquanto as psiconeuroses se inserem no registro da representação. Eis os dois universos: o sexo como função estritamente biológica e a sexualidade — “a experiência do prazer para o sujeito impõe que a força do sexual seja transposta para o registro da representação ...nesta **passagem** que se materializa o que existe de especificamente humano na sexualidade...o corpo erógeno ... sendo marcado pelos efeitos desta **transposição** ...”⁽⁸⁾. Neste contexto, o discurso do histórico refere-se ao imaginário do corpo, sendo seus sintomas resultado de procedimentos psíquicos de defesa para inserir o sexual no registro da representação. Se Freud delinea o campo psicanalítico na oposição psiconeuroses/neuroses atuais, ele estabelece entre elas uma correspondência: para cada psiconeurose existe uma neurose atual, sendo a neurose atual condição necessária para a precipitação da psiconeurose, implicando uma **transposição** de estase do sexo para o registro do corpo representado. Esta transposição é contida justamente no conceito da pulsão, fazendo com que a “ordem do corpo e a ordem da representação estejam em permanente interação, sendo a pulsão o mediador fundamental desta passagem”⁽⁹⁾. “**Passagem**”, “**Transposição**”, um movimento através da “ponte” da pulsão. É impossível não levar em conta o biológico e sua economia, tanto na prática como na teoria. Nesta exposição funda-se a possibilidade e a articulação do tra-

balho com as modernas neuroses atuais, os distúrbios psicossomáticos.

A matriz mítica de Freud contém uma verdadeira fenda, tentando dar conta da emergência do psiquismo a partir do somático por meio de um conceito limite (“ponte”), a pulsão, que já contém representação. Sem esta, as noções de privação e de falta não fazem sentido.

A pulsão, por natureza, investe objetos humanos, sendo a passagem e transposição (do sexo à sexualidade) realizada mediante um outro: a figura da mãe que “perverte” a natureza biológica do infante, sexualizando-o, possibilitando a constitui-

É impossível
não levar em conta
o biológico e sua
economia, tanto na
teoria quanto na prática.

ção do sujeito. O que os mitos vêm fundar numa história é este **outro pré-subjetivo** que precede o sujeito: não só este outro que é a mãe (a demanda dela), mas toda sua estruturação numa programação de inserção na cultura (matriz edípica), os fantasmas originários, produtos de uma história cujas marcas o indivíduo herda, seu acervo filogenético.

Filogenia, Fantasia

Freud foi e continua sendo acusado, mas perdoado, por sua “ingenuidade biológica” e suas “assimilações biologizantes”, referindo-se às

teorias e conceitos quanto às **origens, à evolução e à filogenia** que permeiam seus escritos. Freud, a nosso ver, é responsável em parte pela turbulência em torno destes conceitos e hipóteses.

Qualquer ciência ou campo de saber se questiona e reporta-se às origens, às próprias e às de seus objetos. Não nos interessa, agora, dar interpretações a este fenômeno, mesmo que seja de grande relevância para a psicanálise, mas sim constatar que qualquer resposta às origens é necessariamente uma construção entre várias possíveis; os dados trazidos para apoiá-la são indiretos e de certa maneira inesgotáveis. Não sendo passíveis de comprovação, elas adquirem um estatuto destacado no corpo teórico destas ciências, pertencendo àqueles objetos que habitam as fronteiras entre a ciência e a mitologia. Se Freud referiu-se a **Totem e Tabu** (1913) e **Moisés e o Monoteísmo** (1937-9) como “nossa” mitologia e fantasia, é porque estava consciente disto. A própria teoria de Darwin sobre a ascendência do homem (1871), na qual Freud se apóia na construção do seu mito da horda, é um dos belíssimos mitos de origem. Entendemos, então, que o darwinismo **não é uma** teoria científica passível de prova, mas um possível **sistema de referência** para teorias científicas comprováveis. Ela envolve, em essência, os seguintes pressupostos (Darwin, 1895): a grande variedade de formas de vida sobre a terra origina-se de um número reduzido de formas, talvez de um único organismo; há uma árvore evolutiva, a filogenia, uma história de evolução. Explica-se esta evolução pelas seguintes hipóteses: o descendente reproduz os organismos-pais, de maneira bastante fiel. Na progênie há pequenas variações; as mais importantes delas são as mutações acidentais e hereditárias. A seleção natural significa eliminação das variações (no conjunto de todo o material hereditário) inadaptáveis e a disseminação das pequenas mutações.

À primeira vista, o darwinismo (em contraposição ao lamarckismo) não parece atribuir qualquer efeito evolutivo às inovações comportamentais adaptativas (preferências, desejos, escolhas) de cada organismo. Mas esta impressão é superficial, porque toda inovação deste gê-

nero modificaria a relação organismo-meio, o que equivale à adoção de um novo nicho ecológico. Isto, por sua vez, significa um novo conjunto de pressões sobre o nicho escolhido, como se o organismo fosse determinando as pressões de seleção que agiriam sobre ele e seus descendentes. Desta forma ele influencia e abre ativamente seu caminho evolutivo. Na construção da árvore genealógica, dados da distribuição geográfica, sucessão geológica, paleontologia, morfologia, embriologia, bioquímica, etc. são evidências de apoio para o trabalho da reconstituição da árvore evolutiva.

A efervescência da teoria darwinista nos meios intelectuais e culturais da Europa e nos círculos vieneses do começo do século se deve a uma adoção distorcida por parte das ciências sociais: inventou-se uma “lei filogenética” de recapitulação, segundo a qual o indivíduo repete ao longo do seu desenvolvimento os estágios históricos da sua espécie, assim satisfazendo e reanimando o velho romantismo germânico. Freud adotou a versão spenceriana da evolução, segundo a qual a mente do indivíduo apresenta no seu desenvolvimento “um resumo” dos estágios atravessados na história da humanidade, a sua espécie. Freud não pôde incorporar por completo este “romance”, porque este não se coadunaria com sua teoria; em segundo lugar, se levado até as últimas consequências, significaria regredir a uma paradoxal concepção jungiana de uma mente feita à imagem de uma biblioteca, computador operando por retroativação sincrônica e simultânea de arquétipos arcaicos “salvados” dos arquivos do “acervo filogenético”. Esta teoria foi rejeitada e criticada por ele com veemência.

Mas Freud continuou atrapalhado com esta “hipótese de recapitulação” (que pouco tem a ver com a biologia), no seguinte aspecto: ele prega a herança mediante um mecanismo evolutivo lamarckiano, que é a transmissão de caracteres adquiridos. Uma experiência ou “ato” (**Totem e Tabu**, 1913) passam a ser adquiridos e herdados, princípio este que leva Freud a regredir, contra a sua vontade, ao nefasto “acervo” e à contraditória hipótese de recapitulação. Para desatar este nó, quero sugerir que Freud não precisa nem

pode manter o mecanismo lamarckista de evolução, que considero, sendo impossível de refutação completa, pouco atraente, errôneo e de pouca sustentação. O que se perfila na minha apresentação concisa do darwinismo não é esta aquisição, acumulação e assimilação positivista lamarckiana na qual nos guia Freud, mas uma seleção de estruturas, como se o organismo apresentasse conjuntos, “teorias” sobre o mundo, por assim dizer prenes de escolhas. Estas são modificações e remanejamentos das “teorias” anteriores, permanentemente testadas pela seleção natural. Quero enfatizar que, ao

O darwinismo não é uma teoria científica passível de prova, mas um possível sistema de referência para teorias comprováveis.

contrário do modelo lamarckista, não é possível prever a direção da modificação tomada pela nova forma; há lugar para inventividade em várias direções e o ambiente/natureza não contribui positivamente, mas apenas seleciona estruturas e conjuntos. A evolução dá conta dos conjuntos: não de caracteres transindividuais, mas do desenvolvimento de estruturas gerais. Neste sentido os mitos freudianos, como realidades históricas que passam a ser incorporadas (restrição e pobreza do lamarckismo) para compor esquemas e estruturas significantes do psiquismo, são limitantes, errados e desnecessários.

Para Freud não há sujeito sem

cultura e vice-versa, e seus mitos vêm justamente fundar os dois, conjunta e simultaneamente. O Complexo de Édipo é o que insere o sujeito no social. Mas para isto não basta a matriz edípica inicial, que delineamos acima como constituição do campo do desejo, onde falta, desejo, sujeito constituem-se conjuntamente. Há necessidade de um molde, esquema ou roteiro específico que compõe o cenário edípico, que vem a ser preenchido pelas profantasiáticas ou fantasias originárias: cena primitiva (coito dos pais), sedução, castração, formadores de enigma da própria origem (a filiação), da sexualidade e da diferença dos sexos respectivamente. São estas estruturas específicas que moldam, que “historizam” as vivências contingentes no Édipo do indivíduo. Há uma complicação no estatuto (não tópico apenas) destes pontos: entendemos que sem os “dispositivos” ou os significantes da sexualidade, a diferença dos sexos e da filiação, não há Complexo de Édipo. No entanto, eles não só organizam e subentendem as recordações encobridoras, devaneios, teorias sexuais infantis, etc., mas elas próprias são fantasias, conteúdos específicos “ativados” pelas vivências ou derivadas e reconstruídas no processo analítico. Além do mais elas se reportam às origens e delas próprias (Laplanche e Pontalis 1964). Fica claro que não se trata de “categorias” kantianas da razão pura, mas de conteúdos associados entre si.

Porque se manifestam como fantasias, fica difícil depurá-las do campo do desejo (pólo do sujeito), mesmo se pudéssemos imaginar colocá-las num estado intermediário no qual o pólo do sujeito ficasse deslocado (**Bate-se numa criança**, 1919). Devido à configuração no campo do desejo (como organizadores das fantasias e como elas próprias fantasias), moldam o decurso pulsional. Vemos, então, como a estrutura se furta a nós, pela sua inserção e captura no campo do desejo. Esta “captura já ocorrida” no campo da realidade psíquica é responsável pelo que “empresta” ao esquema o caráter de reportar-se às origens, porque é constitutiva deste campo do desejo e da representação a **circulação metonímica recursiva**. Apesar desta dificuldade, não podemos negar o roteiro implícito nas

Urphantasien, sem o qual o complexo nodular e o teatro humano não podem ser montados.

Quero assinalar que a especificidade e ao mesmo tempo a universalidade aludem a uma estrutura hereditária biológica necessária. Sem ela não podemos entender a aparição e a inserção do indivíduo na cultura, a única cultura humana conhecida, fundada na postergação da satisfação pulsional, na simbolização, na realidade psíquica com esta especificidade do conteúdo edípico. Se queremos colocar o homem e a cultura num continuum evolutivo, e não voltar ao romantismo pré-darwinista, Freud nos guia no que é especificamente humano, no que o faz advir ao real, à cultura. A esta capacitação, como a qualquer outra, (a linguagem) subjaz uma inscrição hereditária. Se mencionamos a linguagem, ela tem estrutura universal com regras específicas e princípios diretores, uma capacidade cognitiva, generativa de criação infinita; mas ela só se manifesta e se ativa pela exposição ao uso de um ou vários idiomas. Ao mesmo tempo que reflete uma estrutura universal da mente humana, ela pressupõe uma necessidade biológica, estrutura hereditária (Chomsky, 1975). O material genético-hereditário pode ser concebido como linguagem com potencial de criação de infinitas "teorias". Uma série delas entrega-se ao campo da representação, para "metabolizar" e capacitar a inserção na cultura. Outros "protos" (elas são como "uma partitura que cada músico interpreta à sua maneira"⁽¹⁰⁾ — Laplanche), mas fundamentais e diferentes daqueles que Freud introduziu, podem e devem ser erguidos, e deles derivados matrizes outras, mais depuradas, como de fato ocorreu no campo psicanalítico (Klein, etc). Um exemplo recente é a versão e o contexto atraente e original no qual pensa Piera Aulagnier. Cabe aqui assinalar que é justamente este registro biológico-genético que possibilita o desvio do esquema, como no **Homem dos lobos** (1918), ou, na psicose, o 'desencaixe do quebra-cabeça' (Aulagnier, 1989). **Negar a inscrição genética seria não se perceber escutar ou assistir a cena primária, não inserir-se na lenda ou na cadeia das gerações, uma psicose intelectual.**

Queremos deixar uma crítica de-

talhada de Laplanche para outra oportunidade. Colocarei apenas uma nota: Laplanche (1986), coerente com seu **"Interpretar (com) Freud"**, consegue efetuar um verdadeiro deslocamento, remanejando a teoria freudiana de cima abaixo. Ele funda esta autêntica e bela releitura de Freud no encontro e confrontação entre o adulto e o mundo imaturo da criança (introduzindo nela "um corpo estranho"), entre a causa adequada e a causa parcial (Spinoza), entre um mais e o menos, etc. Em torno deste eixo da teoria generalizada da sedução, constrói-se uma teoria genial, onde a coerência

Para Freud não há
sujeito sem cultura,
e vice-versa:
seus mitos vêm
fundar os dois,
conjunta e
simultaneamente.

guiada com maestria designa **objetos-fontes** da pulsão, o **id** e o **inconsciente** são criados e formados pelo encontro, etc. É só ler várias vezes e a mina de ouro... é nossa. Com estes novos fundamentos, Laplanche tenta nos livrar de todo o "absurdo biológico", dos "nefastos modelos fisicalista-neuronais", da "temerária fisiologia" e, claro, da "desnecessária ancoragem das vivências em esquemas (ingenuidade e loucura de Freud e Klein), de fantasias de origens", ou da regressão infinita a um originário ou aos mitos da horda, etc. Ainda que esta versão laplanchiana seja auto-suficiente, rica, bela e arejante, ficamos com suspeita que neste "encontro", "con-

frontação", no "mais" do adulto e nos "significantes enigmáticos" gerados no "menos" da criança, há um "corpo" do qual Laplanche quer "estranhar"-se e procura "ignorar".

Penso que a biologia para a psicanálise é apenas como aquela escaleta wittgensteiniana da qual Freud e a psicanálise se serviram; quem quiser chutá-la... que o faça.

Bibliografia

- Aulagnier, P. (1984) **O aprendiz de historiador e o mestre feiticeiro**. São Paulo, Escuta, (1989).
- Birman, J. (1988) Sujeito, estrutura e arcaico na metapsicologia freudiana, in **Percursos na história da Psicanálise**, Taurus
- Birman, J (1990) Os impasses do sexual na psicose. in **Tausk e o aparelho de influenciar na psicose**, Escuta, 1990.
- Chomsky. (1975) **Reflections on language**. Fontana/Collins.
- Darwin, C. (1859) **The origin of species**. Pelican Classics, (1977)
- Darwin, C. (1872) **The descent of man and selection in relation to sex**. Murry Press. (1970)
- Freud S, **Obras completas** da Standard Edition (S.E) ou a coleção **Pelican Freud Library** (P.F.L)
- (1891) On aphasia
- (1895) Project for a scientific psychology. S.E -1
- (1896) The aetiology of hysteria. S.E -3
- (1913) Totem and Taboo. P.F.L -13
- (1915) Neuroses de transferência: uma síntese. Imago (1987)
- (1918) From the history of an infantile neurosis P.F.L -9
- (1919) A child is being beaten. P.F.L -7
- (1920) Beyond the pleasure principle. P.F.L -11
- (1924) The dissolution of Oedipus Complex. P.F.L -7
- Green, A. (1982) **Narcisismo de Vida, Narcisismo de morte**, São Paulo, Escuta, 1988
- Laplanche, J. & Pontalis, JB (1964) **Fantasia originária, fantasia dos origens, origens da fantasias**. Zahar (1988)
- Laplanche, J. & Pontalis, JB (1967) **Vocabulário de Psicanálise**. Martins Fontes.
- Laplanche, J. (1986) **Teoria da sedução generalizada**. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 1988
- Mahony, P (1989) **On defining Freud's discourse**. Yale Univ. Press
- Mezan, R (1989) Metapsicologia/Fantasia. **Revista Brasileira de Psicanálise**, 23(4):57-90.